

# **Racismo, Exclusão e Subjetividade: Um Olhar da Psicologia Social sobre a Marginalização da População Negra**

## **Racism, Exclusion and Subjectivity: A Social Psychology Perspective on the Marginalization of the Black Population**

### **Nícolas Benvindo Ponce**

Bacharel em Psicologia

Instituição de formação: Faculdade Galileu, Avenida Marginal Duzentos, 680 - Vila Real, Botucatu/SP - CEP 18606-294

E-mail: nicbenvindo2306@gmail.com

### **Jóhidson André Ferraz de Oliveira**

Doutor em Práticas Públicas e Relações Internacionais

Instituição de formação: Universidade de São Paulo (USP) Pós-Graduado em Integração da América Latina (Prolam)

E-mail: johidsonferraz@gmail.com

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o racismo estrutural e a exclusão social influenciam a constituição da subjetividade da população negra no Brasil, a partir da perspectiva da Psicologia Social. Por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa e exploratória, foram examinadas produções acadêmicas que abordam o impacto psicológico e social do racismo, bem como as estratégias de resistência e fortalecimento identitário desenvolvidas pela população negra. Os resultados apontam que o racismo, enquanto fenômeno estrutural e histórico, produz efeitos significativos na saúde mental e no senso de pertencimento social, gerando sofrimento psíquico e mecanismos de defesa subjetivos. Contudo, observa-se também a presença de práticas de resistência, reexistência e ressignificação que expressam a potência da identidade negra. Conclui-se que a Psicologia Social pode desempenhar um papel essencial na construção de práticas antirracistas e na promoção da equidade e do bem-estar da população negra.

**Palavras-chave:** racismo estrutural; psicologia social; subjetividade; exclusão social; identidade negra; saúde mental.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze how structural racism and social exclusion influence the constitution of the subjectivity of the Black population in Brazil, from the perspective of Social Psychology. Through a qualitative and exploratory bibliographic review, academic works addressing the psychological and social impact of racism, as well as strategies of resistance and identity strengthening developed by the Black population, were examined. The results show that racism, as a structural and historical phenomenon, produces significant effects on mental health and the sense of social belonging, generating psychological distress and subjective defense mechanisms. However, practices of resistance, reexistence, and re-signification are also observed, expressing the strength of Black identity. It is concluded that Social Psychology plays an essential role in building anti-racist practices and promoting equity and well-being among the Black population.

**Keywords:** structural racism; social psychology; subjectivity; social exclusion; Black identity; mental health.

## 1 INTRODUÇÃO

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) em 1948, esclarece em seu Artigo 1º que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos”. Contudo, a realidade brasileira e a persistência do racismo estrutural revelam uma profunda contradição a esses princípios universais. A exclusão social, econômica e cultural da população negra, historicamente construída e mantida, não apenas viola esses direitos fundamentais, mas também acaba expondo a lacuna aparente entre o ideal normativo e a prática social.

O racismo gera impactos significativos a saúde mental, autoestima, autoconfiança e a percepção de pertencimento social da pessoa negra. Esse processo de desvalorização e objetificação que foi historicamente construído, leva ao desenvolvimento de mecanismos de defesa e de adaptação que, embora necessários para sobrevivência, podem se manifestar em transtornos de ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e outras condições psicopatológicas (Bento, 2002). Essa sobrecarga mental de se fazer presente a uma sociedade que nega sua humanidade e dignidade é um fardo invisível, porém devastador, afetando a saúde mental e o bem-estar da população negra de forma desproporcional.

Historicamente, a psicologia ocidental, em sua maioria, negligenciou as particularidades das experiências e vivências negras, aplicando modelos e teorias que não contemplavam as especificidades culturais, sociais e históricas dessa população. A crítica a essa hegemonia eurocêntrica e a busca por uma psicologia mais antirracista e engajada tornam-se, portanto, imperativas para a construção de práticas terapêuticas e de pesquisa verdadeiramente inclusivas e eficazes (Gonçalves, 2010).

A marginalização da população negra vai além das dimensões econômicas e sociais, ela impõe desafios singulares à sua constituição subjetiva. A invisibilidade, a negação de identidades e a constante luta por reconhecimento são elementos que moldam a experiência negra no Brasil. Nesse contexto, a psicologia pode atuar de forma mais abrangente e não apenas na identificação e no tratamento dos sofrimentos psíquicos decorrentes do racismo, mas também na promoção da resiliência, fortalecimento da identidade negra e da valorização das narrativas de resistência. Compreender como a população negra, apesar das adversidades, tem construído estratégias de enfrentamento e de afirmação de sua existência é essencial para o desenvolvimento de intervenções

psicológicas que potencializem a saúde mental e o bem-estar (Almeida, 2020).

Além disso, é crucial considerar que os impactos do racismo na subjetividade não são homogêneos, sendo profundamente marcados pela interseccionalidade de marcadores sociais como gênero, classe, sexualidade e territorialidade. A mulher negra, por exemplo, vivencia a sobreposição do racismo e do sexismo, o que configura uma experiência única de opressão, o sexismo racial, que molda sua subjetividade de forma específica, exigindo um olhar psicológico igualmente específico (Carneiro, 2003). Da mesma forma, a juventude negra periférica enfrenta a combinação letal do racismo e da classe, que se materializa na violência policial e na limitação de oportunidades, afetando drasticamente seu projeto de vida e sua autoestima.

Diante desses aspectos, a presente pesquisa busca discutir, por meio de uma revisão bibliográfica sob a perspectiva da Psicologia Social, como o racismo e a exclusão social influenciam a constituição da subjetividade da população negra no Brasil. Este trabalho se estrutura, além desta introdução, em Referencial Teórico, Metodologia, Resultados e Discussões, Conclusão e Referências, buscando oferecer uma contribuição qualificada para o campo.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A PSICOLOGIA SOCIAL E A RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E SOCIEDADE**

A Psicologia Social investiga como os processos psicológicos são moldados pelas relações sociais, pelas estruturas de poder e pelos contextos históricos. Ela compreende que a subjetividade não é produzida de forma isolada, mas sim na interação contínua entre o sujeito e a sociedade (Lane, 2006). Nesse sentido, a Psicologia Social brasileira tem buscado superar modelos eurocêntricos, considerando a diversidade cultural e os marcadores sociais da diferença, como raça, classe e gênero (Sawaia, 2014).

Assim, ao analisar a realidade da população negra, a Psicologia Social revela como a opressão histórica se reflete nos modos de existir e de se reconhecer no mundo. O racismo, nesse contexto, não pode ser entendido apenas como uma questão individual, mas como um fenômeno relacional e estrutural que perpassa a constituição da subjetividade. Para Lane (2006), o indivíduo só se constitui como sujeito a partir das relações sociais que estabelece, internalizando valores, normas e representações do seu grupo e da sociedade mais ampla. Dessa forma, em uma sociedade estruturada pelo racismo, a subjetividade negra é forjada na tensão constante entre a autoimagem e a imagem refletida por um espelho social distorcido pelo preconceito.

## 2.2 RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL: UM OLHAR HISTÓRICO E SOCIAL

O racismo no Brasil está intrinsecamente ligado ao processo de escravização de africanos e seus descendentes. Mesmo após a abolição formal em 1888, o Estado não promoveu políticas de inclusão, perpetuando desigualdades que se atualizam no presente (Hasenbalg, 2005). Esse legado histórico consolidou o racismo estrutural, compreendido como um sistema de opressão que se manifesta de forma naturalizada nas instituições e práticas sociais (Almeida, 2020).

Além disso, a ideologia da democracia racial contribuiu para invisibilizar o racismo, negando a existência de discriminações e dificultando o reconhecimento da desigualdade racial como um problema social (Munanga, 2017). A Psicologia Social, ao questionar esses discursos, busca compreender como tais construções afetam a constituição do sujeito negro e sua experiência de pertencimento social. A noção de "Estado de Exceção Permanente", proposta por Mbembe (2018) para pensar as vidas negras, ajuda a compreender como a população negra foi historicamente colocada à margem da proteção legal e da consideração ética, configurando uma "necropolítica" que decide quem pode viver e quem deve morrer. Essa lógica perpassa as instituições brasileiras e impacta diretamente a subjetividade.

## 2.3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA BRANQUITUDE E SEU LUGAR NO RACISMO ESTRUTURAL

Para compreender a dinâmica do racismo, é fundamental analisar a construção da branquitude enquanto lugar de poder e privilégio estrutural. Schucman (2012) define branquitude como uma posição social identitária invisibilizada, que se constitui como a norma a partir da qual o "outro" racializado é medido e inferiorizado. Não se trata simplesmente de uma cor de pele, mas de uma localização política que confere vantagens materiais e simbólicas, naturalizando a posição de dominância.

Bento (2002) explora o "pacto narcísico" da branquitude, um acordo tácito onde brancos se reconhecem mutuamente como humanos plenos, em contraposição aos não-brancos. Esse pacto opera através de mecanismos psicológicos de negação e projeção, onde os aspectos negativos da sociedade são atribuídos aos grupos racializados. Djamila Ribeiro (2019) complementa essa análise ao discutir o "lugar de fala", argumentando que a branquitude, ao se colocar como universal, silencia e invisibiliza as experiências e conhecimentos produzidos pela população negra, reforçando a hierarquia racial. A

desconstrução da branquitude é, portanto, um passo necessário para o enfrentamento do racismo.

## 2.4 IMPACTOS PSÍQUICOS DA EXCLUSÃO SOCIAL SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA

O racismo e a exclusão social geram efeitos significativos na saúde mental da população negra. A vivência de discriminação está associada ao aumento de sintomas depressivos, ansiosos e ao estresse psicossocial (Williams; Mohammed, 2009). Essa sobrecarga emocional, chamada por alguns autores de “trauma racial”, evidencia como a violência simbólica e estrutural se inscreve no corpo e na psique (Carter, 2007).

No Brasil, estudos apontam que a negação do pertencimento social e o apagamento da identidade cultural produzem sentimentos de inadequação, baixa autoestima e vulnerabilidade social (Silvério, 2020). Por outro lado, as estratégias coletivas de resistência, como o fortalecimento da identidade étnico-racial e a valorização das narrativas negras, funcionam como mecanismos de resiliência diante da exclusão. Grada Kilomba (2019), em sua obra "Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano", explora profundamente esses efeitos psíquicos. Ela descreve o racismo como uma experiência de "gonificação", onde ser transformado em objeto, gera um conflito interno constante entre o eu e o "outro" internalizado. Kilomba argumenta que a repetição de microagressões raciais cria uma "ferida colonial" que nunca tem a chance de cicatrizar completamente, mantendo o sujeito negro em um estado de alerta e sofrimento psíquico permanente.

## 2.5 INTERSECCIONALIDADE: RAÇA, GÊNERO E CLASSE NA PRODUÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

A experiência do racismo não é homogênea para toda a população negra. O conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw (1991), é fundamental para compreender como diferentes eixos de opressão como raça, gênero e classe, se interconectam e produzem formas únicas de subjugação e sofrimento. Para mulheres negras, por exemplo, o racismo e o sexismo se combinam de maneira específica, configurando o que Lélia Gonzalez (2020) denominou de "amefricanidade", uma experiência de opressão e de resistência que é simultaneamente africana e ameríndia na diáspora brasileira.

A violência psicológica vivenciada por uma mulher negra e pobre é distinta daquela experimentada por um homem negro ou por uma mulher branca. Collins (2019) analisa como a "imagem de controle" da "mãe preta" ou da "mulata sensual" serve para justificar a

exploração e a violência contra mulheres negras, impactando profundamente sua autoimagem e saúde mental. Portanto, intervenções em Psicologia Social devem levar em conta essas interseccionalidades para não reproduzir visões homogeneizantes da experiência negra.

## 2.6 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO ENFRENTAMENTO DA MARGINALIZAÇÃO

A Psicologia pode desempenhar um papel essencial na desconstrução do racismo, seja pela prática clínica, seja pela atuação comunitária e social. Intervenções que valorizam a identidade negra e promovem espaços de escuta qualificada contribuem para o fortalecimento da subjetividade e o combate ao sofrimento psíquico decorrente da exclusão (Schucman, 2012).

Além disso, a atuação da Psicologia Social em políticas públicas é fundamental para ampliar a inclusão e garantir direitos. A crítica aos modelos hegemônicos eurocêtricos e a construção de uma psicologia antirracista são caminhos apontados por autores contemporâneos como imprescindíveis para a efetivação de práticas mais justas e transformadoras (Carneiro, 2005; Nogueira, 2022). Nascimento (2019) avança nessa discussão propondo a "Psicologia Preta" como um campo epistemológico e prático que centraliza a ancestralidade, a corporeidade e as narrativas do povo negro como fundamentos para o cuidado. Essa abordagem se opõe diretamente à psicologia tradicional, descolonizando saberes e práticas.

Dessa forma, o compromisso ético-político da Psicologia deve estar voltado não apenas para o cuidado individual, mas também para a promoção da equidade social, reconhecendo a centralidade do enfrentamento ao racismo na constituição de uma sociedade democrática.

## 3 METODOLOGIA

A pesquisa que resultou neste trabalho foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e exploratória, com o objetivo de analisar a influência do racismo e da exclusão social na constituição da subjetividade da população negra, sob a ótica da Psicologia Social. A opção por esse desenho metodológico justifica-se pela necessidade de síntese e discussão crítica do conhecimento já produzido sobre o tema, permitindo uma compreensão abrangente e contextualizada dos fenômenos investigados.

Desse modo, foram organizadas a pesquisa a partir da seguinte tabela:

**Tabela 1 – Relação das dimensões apuradas pelo desenho metodológico da pesquisa**

| DIMENSÃO                     | DESCRIÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                   |
|------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Tipo de Estudo</b>        | Revisão bibliográfica qualitativa e exploratória.                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Objetivo Principal</b>    | Analisar a influência do racismo e da exclusão na subjetividade da população negra no Brasil.                                                                                                                                                               |
| <b>Fontes de Dados</b>       | Livros, artigos científicos, teses, dissertações e documentos oficiais.                                                                                                                                                                                     |
| <b>Período de Publicação</b> | Prioridade para produções dos últimos 20 anos, com inclusão de obras clássicas relevantes.                                                                                                                                                                  |
| <b>Crítérios de Inclusão</b> | Trabalhos que abordem racismo estrutural, saúde mental, identidade negra e psicologia social, branquitude e interseccionalidade                                                                                                                             |
| <b>Crítérios de Exclusão</b> | Publicações sem revisão por pares ou sem relevância direta para o tema.                                                                                                                                                                                     |
| <b>Estratégia de Busca</b>   | Consulta a bases como SciELO, Google Acadêmico, Pubmed, Lilacs e bibliotecas virtuais especializadas, utilizando combinações de descritores (ex: "racismo estrutural AND saúde mental", "subjetividade negra AND Brasil", "psicologia social AND racismo"). |
| <b>Análise de Dados</b>      | Análise temática de conteúdo, categorizando eixos como: trauma racial, resistência, identidade, branquitude e interseccionalidade.                                                                                                                          |
| <b>Limitações</b>            | Dependência da disponibilidade e qualidade das fontes; viés de seleção; e concentração geográfica dos estudos nas regiões Sudeste e Nordeste.                                                                                                               |

**Fonte:** Elaboração própria (2025).

A análise será conduzida por meio da técnica de análise temática, organizando os achados em eixos centrais que dialoguem com os objetivos da pesquisa, como: (1) mecanismos de opressão racial; (2) impactos na subjetividade; e (3) estratégias de enfrentamento e resiliência. A discussão integrará as vozes dos autores selecionados, promovendo um diálogo crítico e propositivo com a literatura da área.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 ANÁLISE TEMÁTICA: ESTRUTURA E CATEGORIAS

A análise temática do material selecionado permitiu a identificação de três eixos centrais que organizam e sintetizam as discussões sobre os efeitos do racismo na subjetividade da população negra e as possibilidades de atuação da Psicologia Social. Um

quarto eixo emergente, "A Construção da Branquitude e a Interseccionalidade", foi incorporado para capturar a complexidade das relações raciais e suas interfaces, conforme revelado pela literatura revisada. A análise foi conduzida mediante leitura flutuante, codificação e agrupamento temático, seguindo a proposta de Braun e Clarke (2006).

**Tabela 2 – Eixos Temáticos da Análise: Mecanismos de Opressão, Impactos e Estratégias de Enfrentamento ao Racismo**

|                                                      |                                                                                                                  |                                                                                                        |
|------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1. Mecanismos de Opressão Racial</b>              | Racismo estrutural e institucional;<br>Ideologia da democracia racial;<br>Violência simbólica;<br>Epistemicídio  | Almeida (2020); Munanga (2017);<br>Hasenbalg (2005); Grosfoguel<br>(2016)                              |
| <b>2. Impactos na Subjetividade e Saúde Mental</b>   | Trauma racial; Ansiedade e<br>depressão; Baixa autoestima;<br>Sentimento de inadequação; Luto<br>racial          | Carter (2007); Williams &<br>Mohammed (2009); Silvério<br>(2020); Fanon (2008)                         |
| <b>3. Estratégias de Enfrentamento e Resiliência</b> | Fortalecimento identitário;<br>Narrativas de resistência; Ações<br>coletivas e comunitárias;<br>Psicologia Preta | Carneiro (2005); Schucman<br>(2012); Bento (2002);<br>Nascimento (2019)                                |
| <b>4. Branquitude e Interseccionalidade</b>          | Pacto narcísico; Lugar de fala;<br>Ameafricanidade; Imagens de<br>controle; Marcadores sociais da<br>diferença.  | Schucman (2012); Bento (2002);<br>Ribeiro (2019); Gonzalez (2020);<br>Collins (2019); Crenshaw (1991). |

**Fonte:** Elaboração própria (2025), com base na proposta de Braun e Clarke (2006).

## 4.2 DISCUSSÃO DOS EIXOS TEMÁTICOS

### 4.2.1 MECANISMOS DE OPRESSÃO RACIAL: DA ESTRUTURA AO SIMBÓLICO

A análise revela que o racismo opera como um sistema multidimensional que transcende atos individuais de discriminação. Almeida (2020) e Hasenbalg (2005) destacam como a estrutura social brasileira foi historicamente moldada para excluir a população negra do acesso a direitos fundamentais. A naturalização dessa desvantagem racial consolida o que Almeida (2020, p. 47) denomina "racismo estrutural", para ele: "O racismo estrutural é a normalização da desvantagem racial em todas as dimensões da vida social, de modo que a branquitude se torna a referência invisível de humanidade."

A ideologia da democracia racial, conforme Munanga (2017), atua como dispositivo de invisibilização, dificultando o reconhecimento do racismo. Grosfoguel (2016) amplia essa discussão ao introduzir o conceito de epistemicídio a destruição de saberes e cosmologias não europeias como dimensão fundamental do racismo moderno. Essa violência epistêmica resulta no que o autor denomina "heterarquias de gênero, sexualidade, espiritualidade, epistemologia e classe" que operam de forma interseccional. Aníbal Quijano (2005) contribui para essa análise com o conceito de "colonialidade do poder", argumentando que a classificação social baseada na raça é a pedra angular do sistema-mundo moderno, perpetuando hierarquias mesmo após o fim formal dos colonialismos. A colonialidade se manifesta no controle do trabalho, do autoridade, da natureza e do conhecimento, sustentando a superioridade do eurocentrismo.

Complementarmente, Fanon (2008) em "Pele Negra, Máscaras Brancas" analisa como a internalização dos valores brancos constitui um complexo processo de alienação psicológica, onde o sujeito negro é levado a adotar uma máscara branca como mecanismo de sobrevivência em um mundo branco. A análise de Mbembe (2018) sobre a necropolítica conecta-se diretamente com a realidade brasileira, onde a violência letal do Estado e dos grupos de extermínio incide desproporcionalmente sobre corpos negros, enviando uma mensagem constante de desvalorização da vida negra, o que constitui um dos mecanismos de opressão mais brutais.

#### 4.2.2 IMPACTOS NA SUBJETIVIDADE E SAÚDE MENTAL: DO TRAUMA À LUTA POR RECONHECIMENTO

Os estudos revisados confirmam que a experiência do racismo gera consequências psicológicas profundas e multifacetadas. Carter (2007) desenvolve o conceito de trauma racial, descrevendo um estado de estresse crônico resultante da exposição contínua a situações discriminatórias. Williams & Mohammed (2009) demonstram empiricamente a associação entre discriminação racial e o aumento de sintomas depressivos, ansiosos e condições cardiometabólicas.

No contexto brasileiro, Silvério (2020) destaca como a negação da identidade negra gera sentimentos de inadequação e conflitos de autoimagem. Esses achados dialogam com a teoria do reconhecimento de Honneth (2003), que identifica três esferas de reconhecimento, sendo elas o amor, direitos e solidariedade, cuja violação gera experiências de desrespeito que afetam a constituição da identidade prática.

O conceito de "luto racial", desenvolvido por Gonzalez (2020), amplia essa compreensão ao descrever o processo de elaboração das perdas simbólicas e materiais impostas pelo racismo. A autora argumenta que: "O luto racial é um processo contínuo de elaboração das violências sofridas, mas também de resignificação e reconstrução identitária." (GONZALEZ, 2020, p. 89). A contribuição de Grada Kilomba (2019) é crucial aqui. Ela descreve o racismo como uma performance repetitiva que coloca o sujeito negro no lugar do objeto, gerando uma "ferida colonial" que precisa ser continuamente performada e, portanto, nunca sara. Essa perspectiva ajuda a entender a natureza crônica e re-traumatizante do racismo cotidiano, que vai muito além de episódios isolados de discriminação.

#### 4.2.3 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E RESILIENCIA: DA RESISTENCIA À REEXISTENCIA

Apesar dos impactos negativos, a literatura evidencia a capacidade de agência e resistência criativa da população negra. Bento (2002) e Carneiro (2005) discutem a importância do fortalecimento da identidade étnico-racial como ferramenta de empoderamento. Schucman (2012) ressalta o papel dos espaços comunitários e dos movimentos sociais na promoção de redes de apoio.

Nascimento (2019) introduz o conceito de "Psicologia Preta" como perspectiva teórico-prática que: "Reconhece a ancestralidade como fonte de conhecimento e propõe intervenções psicológicas contextualizadas na experiência negra brasileira." (Nascimento, 2019, p. 134) Essa abordagem se contrapõe à psicologia tradicional ao incorporar ritos, narrativas orais, a circularidade e a corporeidade como elementos centrais do cuidado, propondo uma verdadeira descolonização das práticas psicológicas.

Essa abordagem dialoga com o conceito de "reexistência" proposto por Walsh (2013), que define como as práticas criativas através das quais grupos subalternizados não apenas resistem à opressão, mas constroem alternativas de vida e conhecimento. Os terreiros de candomblé e umbanda, por exemplo, historicamente funcionaram como espaços de preservação cultural, acolhimento psicossocial e reconstrução identitária, desempenhando um papel terapêutico fundamental não reconhecido pela psicologia hegemônica (Prandi, 2005).

A teoria da autoeficácia de Bandura (1997) oferece um referencial adicional para compreender como as experiências de domínio, modelos sociais e persuasão verbal nos

movimentos sociais negros contribuem para o desenvolvimento da crença na capacidade de enfrentamento individual e coletivo.

#### 4.2.4 BRANQUITUDE E INTERSECCIONALIDADE: COMPLEXIFICANDO A ANÁLISE

A análise do material evidencia que a branquitude, enquanto estrutura de poder invisibilizada, é um operador central do racismo. O "pacto narcísico" descrito por Bento (2002) explica a coesão social entre brancos, que se reconhecem mutuamente como sujeitos de pleno direito, em contraste com a objetificação da população negra. Schucman (2012) demonstra como essa identidade é mantida através de um constante trabalho de "limpeza simbólica", distanciando-se do que é associado ao negro.

A interseccionalidade, por sua vez, revela que a experiência do racismo é modulada por outros marcadores sociais. A "amefricanidade" de Gonzalez (2020) capta a especificidade da opressão vivida pela mulher negra, situada na encruzilhada do racismo e do patriarcado. As "imagens de controle" analisadas por Collins (2019), como a da "mãe preta" ou da "mulata sensual", servem para justificar a exploração econômica e sexual dessas mulheres, gerando sofrimentos psíquicos específicos.

Portanto, uma atuação eficaz da Psicologia Social deve necessariamente adotar uma lente interseccional, evitando generalizações e reconhecendo as múltiplas camadas de opressão e resistência que constituem a subjetividade negra.

#### 4.3 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Esta revisão está limitada pela disponibilidade de artigos em acesso aberto e pelo recorte temporal adotado. A natureza qualitativa da análise não permite generalizações, mas oferece um panorama aprofundado das relações entre racismo e subjetividade. Destaca-se também a concentração de estudos nas regiões Sudeste e Nordeste, com menor representatividade de outras regiões brasileiras o que pode ofuscar particularidades regionais importantes. Além disso, a revisão priorizou produções acadêmicas, podendo ter deixado de fora saberes importantes produzidos em contextos comunitários e militantes.

#### 4.4 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Considerando as lacunas identificadas na literatura revisada e a complexidade do tema, sugere-se que pesquisas futuras desenvolvam investigações em várias frentes complementares, fundamentadas em referenciais teóricos específicos. Um caminho promissor reside na realização de estudos empíricos que avaliem a eficácia de intervenções

psicológicas antirracistas explicitamente fundamentadas em referenciais como a Psicologia Preta (Nascimento, 2019) e as epistemologias do Sul (Santos, 2018). Tais estudos, ao adotarem uma perspectiva decolonial, poderiam medir não apenas a redução de sintomas de sofrimento psíquico, mas também o fortalecimento da identidade étnico-racial, conceito central na teoria da Identidade Social de Tajfel (1982), e da autoeficácia coletiva, construto desenvolvido por Bandura (1997), contribuindo para uma compreensão mais abrangente do bem-estar subjetivo.

É igualmente premente a necessidade de pesquisas com recorte geracional, que analisem de forma comparativa e longitudinal como o racismo é vivenciado e processado psiquicamente em diferentes fases do ciclo vital, seguindo a perspectiva do curso de vida de Elder (1998). Investigar as especificidades do impacto do racismo na primeira infância, na adolescência e na velhice da população negra pode fornecer subsídios para intervenções mais precisas e sensíveis ao desenvolvimento. Ademais, investigações que aprofundem a interseccionalidade entre raça, gênero, classe, sexualidade e territorialidade, fundamentadas no marco teórico cunhado por Crenshaw (1991) e aprofundado por Collins (2019) no contexto brasileiro, são fundamentais para compreender a produção de sofrimentos e estratégias de resistência que não são homogêneas dentro do próprio grupo negro, superando visões essencialistas.

Outra sugestão relevante é o fomento a pesquisas para a construção de metodologias participativas, desenvolvidas em colaboração direta com movimentos sociais, terreiros, comunidades tradicionais e coletivos negros. Esta abordagem se alinha aos princípios da pesquisa militante (Fals Borda, 2009) e da psicologia comunitária (Montero, 2004), sendo crucial para que a produção do conhecimento não reproduza dinâmicas extrativistas e epistemicidas (Grosfoguel, 2016), mas sim contribua para a construção de tecnologias sociais e práticas de cuidado em saúde mental que sejam culturalmente significativas e contextualmente adequadas. Por fim, recomenda-se a realização de estudos longitudinais que possam mapear os efeitos do trauma racial, tal como conceptualizado por Carter (2007), ao longo da vida, bem como os fatores de proteção e resiliência que medeiam essas trajetórias, permitindo assim uma compreensão mais dinâmica e processual dos impactos do racismo na subjetividade, à luz de modelos ecológicos do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1996). Especificamente, sugere-se pesquisas que investiguem os processos de desconstrução da branquitude e seus efeitos na diminuição de práticas racistas, um campo ainda pouco explorado no contexto brasileiro.

Desse modo, portanto, constatou-se que a Psicologia Social possui papel essencial na desconstrução das práticas excludentes, promovendo o fortalecimento da identidade negra e a valorização das narrativas de resistência. Contudo, reafirmou-se a necessidade de uma psicologia comprometida com a equidade racial e a transformação social.

## 5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar, a partir da perspectiva da Psicologia Social, como o racismo estrutural e a exclusão social influenciam a constituição da subjetividade da população negra no Brasil. Por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa e exploratória, foi possível constatar que o racismo, enquanto fenômeno histórico e estrutural, produz impactos profundos e multifacetados na saúde mental, na autoestima e no senso de pertencimento social, gerando sofrimento psíquico e mecanismos de defesa subjetivos. A análise permitiu compreender que esses mecanismos operam de forma complexa, desde a violência epistêmica e o epistemicídio (Grosfoguel, 2016) até a internalização de valores brancos analisada por Fanon (2008) e a produção de uma "ferida colonial" (Kilomba, 2019).

Contudo, a análise também evidenciou a potência das estratégias de resistência, reexistência e resignificação desenvolvidas pela população negra. O fortalecimento identitário, as narrativas de resistência e as ações coletivas emergem como respostas fundamentais à opressão, promovendo resiliência e afirmando a humanidade negra. A Psicologia Preta (Nascimento, 2019) e as práticas de reexistência (Walsh, 2013) apresentam-se como caminhos concretos para uma atuação psicológica descolonizada e efetiva.

Este estudo também avançou ao incorporar a análise da branquitude (Schucman, 2012; Bento, 2002) e da interseccionalidade (Crenshaw, 1991; Gonzalez, 2020), demonstrando que a compreensão do racismo e de seus impactos subjetivos exige um olhar atento às dinâmicas de poder que constituem a branquitude como norma e às sobreposições de opressão que tornam a experiência negra diversa e multifacetada.

Conclui-se, portanto, que a Psicologia Social possui um papel essencial na desconstrução do racismo e na promoção de equidade. A construção de práticas antirracistas, a valorização das epistemologias negras e o compromisso ético-político com a transformação social são caminhos imprescindíveis para a promoção do bem-estar e o reconhecimento da plena subjetividade da população negra. Para além da clínica, a

Psicologia Social deve se engajar na formulação e avaliação de políticas públicas, na educação antirracista e no apoio a movimentos sociais, atuando como ferramenta de transformação social em múltiplas frentes.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Faculdade Galileu pelo suporte acadêmico e à todos os professores que contribuíram para minha formação, em especial ao meu orientador, prof. Dr. Jóhidson André Ferraz de Oliveira, pela orientação e incentivo fundamentais ao longo deste trabalho. Agradeço também aos autores e pesquisadores cujos estudos subsidiaram esta pesquisa, e a todos que, direta ou indiretamente, apoiaram a realização deste trabalho de conclusão de curso.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- Bandura, A. **Self-efficacy: The exercise of control**. New York: Freeman, 1997.
- Braun, V.; Clarke, V. **Using thematic analysis in psychology**. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- Bento, M. A. S. **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- Bronfenbrenner, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- Carneiro, S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- Carter, R. T. **Racismo e lesão psicológica e emocional: reconhecendo e avaliando o estresse traumático baseado em raça**. The Counseling Psychologist, v. 35, n. 1, p. 13-105, 2007.
- Collins, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- Crenshaw, K. **Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color**. Stanford Law Review, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991.
- Cury, A. **O poder da autorresponsabilidade: como a psicologia pode transformar sua vida**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2021.

Elder, G. H. **The life course as developmental theory.** *Child Development*, v. 69, n. 1, p. 1–12, 1998.

Fals Borda, O. ***Uma sociologia sentipensante para a América Latina***. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

Fanon, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

Gonçalves, L. A. **A Psicologia e o negro: revisitando a história e construindo o futuro.** *Revista da ABPN*, v. 2, n. 1, p. 17-30, 2010.

Gonzalez, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: Gonzalez, L. (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Grosfoguel, R. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

Hasenbalg, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

Honneth, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

Kilomba, G. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Lane, S. T. M. **A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

Mbembe, A. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Montero, M. **Introducción a la Psicología Comunitaria**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

Munanga, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2017.

Nascimento, M. B. **Psicologia Preta: perspectivas antirracistas na prática psicológica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

Nogueira, O. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**. São Paulo: Edusp, 2022.

Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948.

Prandi, R. **Segredos Guardados: Orixás na Alma Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Quijano, A. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. p. 117-142. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Ribeiro, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

Santos, B. de S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Sawaia, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2014.

Schucman, L. V. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Silvério, V. R. **Raça e subjetividade: os efeitos do racismo na vida social brasileira**. Revista da ABPN, v. 12, n. 31, p. 27-46, 2020.

Tajfel, H. **Social identity and intergroup relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

Walsh, C. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Abya Yala, 2013.

Williams, D. R.; Mohammed, S. A. **Discrimination and racial disparities in health: evidence and needed research**. Journal of Behavioral Medicine, v. 32, n. 1, p. 20-47, 2009.